

Sageza, quietude José Manuel Mendes*

*Ao Henrique Barreto Nunes, ao Manuel Gama
e à Gabriela, meus amigos*

Tomamos café na manhã fria. Ao alcance do olhar, arrepiadas pela luz do inverno, as árvores e flores do Jardim de Santa Bárbara. Um cigarro, peço. Levantarei em seguida a gola do sobretudo, resmungando contra a aspereza dos meses naufragados na escuridade. Vejo que o Professor Lúcio não traz agasalhos, fato apenas, camisa e gravata, aquele nó pequeno de todos os dias, a escorrer do colarinho. Ajusta os óculos, osso e lentes de sombras, para responder à observação que não fui capaz de conter, Não se esqueça que aprendi a neve nos caminhos de Tortosendo, a neve e a chuva, muito antes da escola, e a aragem como uma lâmina afiada.

* Membro do plenário do Conselho Cultural. Professor da Universidade do Minho. Escritor.

E fico a ouvi-lo, quietude e enternecimento. Os operários da indústria de lanifícios, pobreza, luta pelo pão, injustiça da vida pública nessas eras acometidas pela guerra e a ditadura, Olhe, o romance do Ferreira de Castro (penso, "Les brebis du Seigneur" na edição francesa, vá lá saber-se porquê). Certa ocasião, uma festa de família levou-me às bandas da Covilhã, toda a viagem aquela ventania desatada, vinda da serra, e um céu de tempestade, quilómetros a pé. Era normal ir assim, de longada, em vez de aguardar a camioneta ou alugar carro. Meus pais tinham-me vestido um casacão cardado, imagina o que seja. Pois tirei-o, aquecia demasiado. Se fosse hoje, não creio que as coisas se passassem de modo diferente.

Subimos as escadas, ambos entregues ao enleio do tabaco, cita um fragmento do romance que lembrara, vou suspenso do rumor das candeias através da noite, a aldeia nativa uma espécie de lenha primordial, código genético, paisagens nuas, o assombro dos horizontes a perder de vista, fome, trabalho, desconcerto do mundo. Não há verão que não me apanhe por aqueles quelhos e ruelas, e designa-os como quem abre no xisto rios antigos, Travessa das Fábricas (recordo eu), Largo da Fonte, Rua do Torno (se me não engano), a Estrada de Valverde dista um bocado desses passos da infância. Vive o momento na intermitência de uma luz, no imperecível da sua doação. Já tínhamos falado da matéria do tempo, infixidez e completude a refigurar-se, astro arrefecido e narrativa, (in) finito, combustão, ferida em nós fulgindo, mordendo, itinerância, provisoriidade. A propósito de um verso meu, oxímoro que lhe suscitara reflexões cuja agudeza ressoa e permanecerá. Numa das margens da Feira do Livro. Pediu-me que lesse Santo Agostinho sobre a "breve eternidade da beleza" e o fulgir do instante. Qu'est-ce l'éternité?, e continuarei a tocá-la na pele hialina, a ser por ela cingido no absoluto e na irrepitibilidade. Un présent qui reste présent, escreveu o filósofo e é agora, na vastidão das eras, que no-lo propõe. (Pena não saber o texto no original, na língua que o conservou. Uso aquela em que o guardei desde a hermenêutica primeira e chamo Jacques Derrida em meu auxílio. Ah, a tradução.)

Tomamos café na manhã fria, factó e sinédoque, eclipse, casa de diálogo, rumor, fratria. A ela afluem, turbilhão sereno, tantos conjuntos andamentos de júbilo e deceptividade, bem a vi no silêncio dos olhos que às vezes se cerravam meditando, o Professor Lúcio era dessa estirpe a que pertence(ra)m os místicos

não avessos à racionalidade e ao pensamento crítico, acolhia em si instâncias de Montaigne, Tomás de Aquino, Espinoza, Bernanos ("Les grands cimetières sous la lune" também), Kant, Pio Baroja, algum Bergson, imenso Antero. E a tristeza exprimia-se na doçura e contenção, perante a intempérie das emoções em redor, ao rés do desacerto no governo das circunstâncias. Bem a vi por entre as crepitações do contentamento e da apazibilidade nos convívios ou vínculos do quotidiano. Ao fundo do ascetismo sábio e da quietude. Como aquando da morte ou da treva caída em cima dos mais próximos, e aqui transfiro nomes para um refúgio tangido pelo sagrado, não à mercê do verbo que me percorre e posso.

Tenho-o a meu lado, tão amiúde, reuniões com início aquém de 74, no pró-mio do "Prelúdio de Outono" e na jornada que o gerou e nunca mereci. Ou à minha frente num e múltiplos eventos, sobretudo colóquios e recitais, na sala de concertos da Gulbenkian, nos anfiteatros do Campus, em Gualtar. Este, por exemplo. Segunda fila. Escutando poemas de sua autoria numa homenagem sem mácula nem erosão, surpreso, constrangido ao verificar que foram associados a sonetos que fizera seus: *Solemnia Verba*, *Nas Mãos de Deus*, *Com Os Mortos* ("Os que amei onde estão?, idos, dispersos / Arrastados no giro dos tufões"), *Nirvana*, *À Virgem Santíssima*, *A Um Poeta*, *Despondency* ("Deixá-la ir, a ave, a quem roubaram / Ninho e filhos e tudo", "Deixá-la ir, a nota despreendida / Dum canto extremo... e a última esperança... / E a vida... e o amor... deixá-la ir, a vida!"). Antero, que o acompanhara ao longo de uma existência devotada ao saber, investigação e ensino, de quem publicará, com um prefácio percuciente, cartas inéditas em 1996. Numa viagem de comboio, o Alfa cortando granizo e aguaceiros até Lisboa, carruagem de tosse e sonolência e murmúrios e fumo, Menos serpenteante do que os das linhas da Beira Alta, outrora e ainda hoje, que isto do progresso é uma ronda de assimetrias, logo adiante Mário Cal Brandão com Armando Bacelar, o seu riso acordava cigarras na soturnidade da paisagem.

Falanstério de manhãs. Quantas mais? Aponto a câmara, pela Rua do Souto apenas a tribo dos pobres e uma melodia de flauta, conheço o mendigo que põe na brisa compassos da Sinfonia do Novo Mundo, é domingo e o sol estende-se como um lagarto no pavimento, eis de súbito a figura aprumada que dá o óbulo, impar naquele jeito em que sageza e poder se integram na gramática

da simplicidade, vai no sentido do Paço e saem-lhe dos lábios arabescos de carvão, aroma, devaneio, um cão rosna por perto, o enquadramento absorve nas paredes granito e bolor, recortes de plantas escorregando dos vasos numa varanda. E a foto imaginária capta um meio sorriso de bondade feliz. Detecta-me à distância, movemo-nos para minutos de digressão intelectual, ali, sob o halo da tarde rompendo. A câmara regressa, aproxima, zoom e disparo, um abraço, como nos últimos lustros acontecia, este na cadeia dos que não têm conta, um abraço para sempre, bonança, presente perpétuo. Eternidade.